

INTERSECCIONALIDADES IMPRESSAS: MULHERES LETRADAS E ESCRAVIDÃO NA CORTE DO RIO DE JANEIRO DE MEADOS DO OITOCENTOS

PRINTED INTERSECTIONS: LITERATE WOMEN AND SLAVERY IN
THE COURT OF RIO DE JANEIRO IN THE MID-19TH CENTURY
INTERSECCIONES IMPRESAS: MUJERES ALFABETIZADAS Y ESCLAVITUD
EN LA CORTE DE RÍO DE JANEIRO A MEDIADOS DEL SIGLO XIX

Isadora de Mélo Escarrone Costa¹

Resumo

Em meio a década de 1850, o Império do Brasil buscou formas de se adequar ao ideário de progresso e de civilização baseando-se, sobretudo, no modelo europeu. Tratava-se de um período de inserção de novos hábitos e representações sociais. Nesse contexto, algumas mulheres letradas do Império do Brasil buscaram cooperar com o ideal civilizacional por meio da publicação de textos na imprensa; caso das redatoras e colaboradoras do *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855). Diferentemente de outros jornais, esse periódico apresentou apenas redatoras e, devido a isso, apresentou uma trajetória de críticas, mas, também, de artimanhas, táticas editoriais para conseguir credibilidade e preencher suas, em média, oito páginas de conteúdo. Uma dessas estratégias foi desempenhada por uma pessoa que respondia pelo nome de Santos, um cativo guarda-portão, que passou a ser um dos informantes da colaboradora que escrevia os textos publicados sob o título “Crônica da Semana” para *O Jornal das Senhoras*. Assim, o presente trabalho busca compreender as tensões e interações das mulheres entusiastas do *Jornal das Senhoras* e o contexto escravista que as cercavam. Além disso, pretende-se enfatizar a importância de Santos para a perpetuação desse periódico. Para isso, recorre-se à *História dos Livros e dos Impressos*, à perspectiva dos estudos de *Gênero* e de *Interseccionalidades* como quadro teórico-metodológico de compreensão desse impresso.

Palavras-chave: Oitocentos; Rio de Janeiro; *O Jornal das Senhoras*; Cativo Santos.

Abstract

In the middle of the 1850s, the Empire of Brazil sought ways to adapt to the ideals of progress and civilization based, above all, on the European model. It was a period of

.....

1. Doutoranda pelo PPGH-UERJ ; isadoramc95@gmail.com.

insertion of new habits and social representations. In this context, some literate women from the Empire of Brazil sought to cooperate with the civilizational ideal through the publication of texts in the press, which was the case of the editors and collaborators of *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855). Unlike other newspapers, this periodical featured only female writers and, because of that, presented a trajectory of criticism, but also of trickery, editorial tactics to gain credibility and fill its, on average, eight pages of content. One of the activities was performed by a person who answered by the name of Santos, a captive gatekeeper, who became one of the contributors' informants who wrote the texts published under the title "Crônica da Semana" for *O Jornal das Senhoras*. Thus, the present work seeks to understand the tensions and interactions of the enthusiastic women of *Jornal das Senhoras* and the slavery context that surrounded them. Furthermore, it is intended to emphasize the importance of Santos for the perpetuation of this periodical. For this, the History of Books and Prints is used, the perspective of gender and intersectional studies as a theoretical-methodological framework for understanding this print.

Keywords: Press; Eight hundred; Rio de Janeiro; *O Jornal das Senhoras*; Captive Santos.

Resumen

A mediados de la década de 1850, el Imperio de Brasil buscó formas de adaptarse a los ideales de progreso y civilización basados, sobre todo, en el modelo europeo. Fue un período de inserción de nuevos hábitos y representaciones sociales. En este contexto, algunas mujeres alfabetizadas del Imperio de Brasil buscaron cooperar con el ideal civilizacional a través de la publicación de textos en la prensa, como fue el caso de las editoras y colaboradoras de *Jornal das Senhoras* (Río de Janeiro; 1852-1855). A diferencia de otros periódicos, este periódico solo contó con editores y, por eso, presentó una trayectoria de crítica, pero también de engaños, tácticas editoriales para lograr credibilidad y llenar sus, en promedio, ocho páginas de contenido. Una de las actividades fue realizada por una persona que respondió por el nombre de Santos, un portero cautivo, quien se convirtió en uno de los informantes del colaborador que redactó los textos publicados bajo el título "Crônica da Semana" para *O Jornal das Senhoras*. Así, el presente trabajo busca comprender las tensiones e interacciones de las mujeres entusiastas de *Jornal das Senhoras* y el contexto de esclavitud que las rodeaba. Además, se pretende enfatizar la importancia de Santos para la perpetuación de este periódico. Para ello se utiliza la Historia del Libro y el Grabado, la perspectiva de los estudios de género y las interseccionalidades como marco teórico-metodológico para la comprensión de este grabado.

Palabras llave: Ochocientos; Rio de Janeiro; *O Jornal das Senhoras*; Santos cautivos.

Introdução

A primeira década da segunda metade do século XIX se caracterizou por um período de calma política, melhorias urbanísticas, técnicas e nos sistemas de ensino. Houve a valorização de novos hábitos, gostos e costumes.

Esses, cada vez mais indicavam o ideário de progresso e civilização como o melhor caminho a ser seguindo. Nesse contexto, o periódico feminino *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) afirmava:

Por ventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade?

Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro, principalmente, Corte e Capital do império, Metrópole do Sul d'América, acolherá de certo com satisfação e simpatia *O Jornal das Senhoras* [...] (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, n. 1, p. 1).

Essa postura otimista em relação ao progresso moral e material da sociedade não era algo restrito a esse periódico voltado para as leitoras da corte do Império do Brasil. O cenário cultural, iniciado na década de 1850, reverberava entusiasmo quanto à crença no progresso, assim como na apropriação de novos gostos e hábitos vistos como civilizados. Não à toa, nessa conjuntura era valorizada a própria imprensa periodista pela carga de civilidade que comportava (Ana Luiza MARTINS, 2008).

No período, as principais cidades do Império expandiram as suas lojas, as casas de impressão, os clubes particulares, as bibliotecas e os teatros. Até mesmo as fachadas das casas se transformaram. Ao lado de locais fechados, com varandas finas, rentes às calçadas, como os sobrados, os mais favorecidos tomaram preferência por casas sinuosas e verticais, com varandas para as moças, escritórios, salões para bailes e mirantes de observação (Lúcia Maria Pereira das NEVES, Humberto MACHADO; 1999).

A própria iluminação de alguns lares se transformara, facilitando o incremento de práticas vistas como civilizadas, dentre elas a intensificação do hábito da leitura silenciosa. Nas pinceladas de Almeida Júnior², jardins, varandas e janelas mostravam-se os locais favoritos, sobretudo, para as mulheres letradas que privadas, muitas vezes, do escritório, achava nesses espaços silêncio, iluminação e conforto, ainda que continuassem sendo vigiadas pela figura de seu pai ou de seu marido.

.....

2. Como as telas: *Moça com livro, s.d.* José Ferraz de Almeida Jr (Brasil, 1850-1899), óleo sobre tela, Dimensões 50.00 cm x 61.00 cm. Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)/ *Repouso*. José Almeida Júnior (Brasil, 1850-1899), óleo sobre tela, Dimensões 85.00 cm x 115.00 cm. Acervo Particular. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra943/repouso>>. Acesso em: 08 de abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Assim, embora a maioria da população continuasse analfabeta e os setores mais baixos da sociedade continuassem a morar nos sobrados e em habitações comunitárias, como os cortiços, pode-se dizer que no período da década de 1850 eram acentuados os desejos por símbolos que projetassem certa burguesia em ascensão. Os saraus, os teatros, as livrarias, os cafés, os bailes e os passeios ao ar livre emergiam como de bom tom entre os indivíduos da “boa sociedade”. No compreender de Sérgio Buarque de Holanda, tratava-se de um contexto de “liquidação mais ou menos rápida” de certa “herança colonial” e buscas por modelos de comportamento próximos às nações vistas como “socialmente avançadas” (Sérgio Buarque de HOLANDA, 1995, p. 79). No entanto, vale destacar que essa inserção de novos hábitos foram colocadas em voga com a incidência de muitas heranças e permanências, como a própria presença e manutenção da escravidão (HOLANDA, 1995).

No período da década de 1850, com o processo de abolição do tráfico transatlântico de escravos, muitos fluminenses buscaram novas aquisições de cativos no nordeste brasileiro (Mary C. KARASCH, 2000). Assim, as ruas do Rio, embora a contragosto de alguns membros da elite, eram tomadas por escravos que exerciam todas as atividades manuais e de carregamentos de pessoas e objetos, “ocupações braçais sem especialização ou semi-especializadas” (KARASCH, 2000, p. 259). Inclusive, trabalhavam na “difícil arte da litografia e impressão” de livros e periódicos (KARASCH, 2000, p. 282).

Foi nesse cenário de tensões, distinções e interações entre diferentes camadas sociais e os próprios papéis desempenhados e construídos como característicos do feminino e do masculino na época que o *Jornal das Senhoras* foi inaugurado, mais precisamente no ano de 1852, com periodicidade quinzenal até 1855. Assim, nesse artigo, pretende-se usar tal jornal como fonte e objeto, de modo a analisar o cenário de transformações da primeira década da segunda metade do século XIX, lançando luz às táticas editoriais femininas presente nas páginas do *Jornal das Senhoras*. Além disso, busca-se enfatizar a presença de Santos, um cativo mensageiro que é citado no processo de produção do *Jornal das Senhoras* num processo que nos permite compreender as formas de interseções e distinções de hierarquias e desejos por liberdades.

Por mobilizarmos o periódico *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) tanto como fonte quanto como objeto de estudo, recorre-se à Nova História Cultural e seus aportes em torno dos estudos da História dos Livros

e dos Impressos. Além disso, utilizaremos aportes teórico-metodológicos dos estudos de Gêneros e das Interseccionalidades. Ou seja, ao analisar *O Jornal das Senhoras*, também iremos adentrar as categorias que ligam as fronteiras entre “mulheres, raça e classe” (Djamila RIBEIRO, 2016, p. 13).

Segundo Roger Chartier, a história cultural “tem por principal objetivo identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler” (Roger CHARTIER, 2002, p. 17.). Em sua abordagem, livro e impresso são tratados como objetos históricos, transformando-se em instrumentos tanto da difusão do saber, quanto da criação de novas culturas políticas, da formação de sociabilidades e de representações de *status*. Devido a isso, utilizaremos muitos de seus ensinamentos para se compreender as redes em torno do livro e dos impressos, as formas de construção e propagação de ideias presentes no periódico *O Jornal das Senhoras*.

Por apresentar trechos de fontes que abordam relações entre homens e mulheres, suas aproximações e divergências, o presente artigo também se centra na perspectiva dos Estudos de Gênero. Segundo Joan Scott “gênero” pode ser definido como “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, [assim] o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Joan SCOTT, 1990, p. 14). Dos estudos de Gênero, utiliza-se dos modos de se compreender as fronteiras imaginárias e reais do que são considerados próprios do feminino e do masculino nessa sociedade heteronormativa da segunda metade do século XIX.

Por fim, vale destacar a interdependência das relações entre raça, gênero e classe. Ou seja, vale destacar a Interseccionalidade, termo cunhado pela afro-americana Kimberlé W. Crenshaw em 1989, que será utilizado nesse artigo como forma de compreensão das múltiplas interações e intersecções da sociedade oitocentista brasileira. O “conceito de interseccionalidade reconhece o modo como diferentes eixos de opressão estão articulados produzindo desigualdades e situações adversas de múltiplas discriminações” (Michely Peres de ANDRADE, 2018, p. 84). Esse conceito ganhou força nos anos 1980, através de feministas negras norte-americanas que chamaram a atenção para o fato que existe uma relação de raça, classe, sexualidade e gênero que distinguem os indivíduos e, nesse sentido, distinguem as próprias mulheres e os homens de determinado tempo histórico.

Assim, embora este trabalho foque nas relações entre mulheres letradas brancas e um escravo homem negro, utiliza-se da interseccionalidade para

demarcar as diferentes expressões do feminino e do masculino construídos nessa sociedade oitocentista. A interseccionalidade, portanto, será usada como forma de compreender como o gênero foi construído, também, de forma racializada (Kimberlé W. CRENSHAW, 1989) e como dentro dos periódicos pode-se achar um universo de interseções entre diferentes categorias sociais que se intersectam e interagem na conjuntura da década de 1850, na corte e capital política do Império Brasileiro.

O Jornal das Senhoras: Redatoras, público-alvo e conteúdo

Vindo a público na corte do Rio de Janeiro em 1º de Janeiro de 1852, *O Jornal das Senhoras* apresentou como sua primeira redatora a argentina Joana Paula Manso de Noronha, uma mulher branca, letrada e exilada da ditadura de Juan Manuel Rosas. No Brasil, Manso teve contato com os costumes e hábitos da corte imperial e conheceu pessoas que atuavam no cenário cultural fluminense, como a tradutora Violante Bivar e o violinista português Francisco Sá Noronha, com quem Manso se casou (Luiza LOBO, 2009).

Depois, quando Joana Manso de Noronha volta para a argentina, ainda em 1852, a redação do *Jornal das Senhoras* passou para as mãos de Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco, filha de Violante Lima de Bivar e do conselheiro imperial, bacharel em direito formado em Coimbra, redator e presidente do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro Diogo Soares da Silva Bivar, o que, sem dúvidas, cooperava para o interesse e o acesso de Violante nos assuntos literários, teatrais e jornalísticos de seu tempo (Hélio VIANNA, 1946).

Por último, entra na redação desse impresso Gervasia Nunesia Pires dos Santos Neves, esposa de Antônio José dos Santos Neves, taquígrafo do Senado, funcionário do Ministério de Guerra, poeta e compositor em teatros na corte do Rio de Janeiro, o que também dava condições dessa redatora manter o periódico (Everton BARBOSA, 2018).

A historiografia destaca que, nesse contexto de meados do século XIX, poucas mulheres eram letradas e uma parte ainda menor dessas apresentavam a liberdade de agir no meio público da palavra impressa. Essas mulheres, em geral, “tinham pouca liberdade para saírem sozinhas, e menos ainda para gastar o orçamento doméstico” dificultando, muitas vezes, a aquisição dos jornais ou de outros objetos por conta própria, sem a presença de seus pais ou maridos (Tania FERREIRA, 2005, p. 7).

Assim, percebe-se que Manso de Noronha, Violante Bivar e Gervasia Nunesia eram mulheres privilegiadas por serem “uma das primeiras mulheres a exercerem funções de direção na imprensa brasileira” (MARTINS, 2008, p. 68). Além disso, vale destacar que as mesmas apresentaram redes familiares e de amizade que possibilitavam não somente que elas pudessem escrever em jornais, como serem redatoras-chefes.

O jornal se destinava às mulheres ditas “inteligentes”. Isso é, se destinava a aquelas mulheres que, assim como as redatoras, eram mulheres letradas, cultas, abastadas e que desejavam o progresso da civilização. Assim, durante os quatro anos de circulação do *Jornal das Senhoras*, essas Joana, Violante e Gervasia colocaram a públicas temáticas que tinham como finalidade alcançar os objetivos os anseios de seu público leitor e de sua própria camada social. Elas tinham como objetivo defender a emancipação moral da mulher, sua igualdade intelectual ao homem, o conhecimento de seus direitos e sua missão em sociedade (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, n.2).

Tratava-se de uma busca por melhorias à condição dessas mulheres letradas. Defendiam a equidade intelectual e conquista de espaço, sobretudo, espaço no mercado do livro e dos impressos. Vale lembrar que, enquanto essas mulheres brancas estavam reivindicando sua inserção ao mundo do trabalho, as negras e indígenas, ao contrário, já estavam familiarizadas com a vulnerabilidade e distinção de funções, hierarquias e papéis que este mesmo mercado acarretava outras funções menos abastadas, como costureira, cozinheiras, passadeiras e outras.

Como era destacado no subtítulo que acompanhou boa parte das capas de publicação, as principais temáticas trabalhadas no *Jornal das Senhoras* eram: Modas, Literatura, Belas-Artes e Teatro. Essas temáticas acompanhavam os anseios e interesses das escritoras e leitoras dos impressos voltados às mulheres letradas e de elite e, certamente, tinha o intuito de atualizar seus hábitos ao que seria mais apropriado para uma mulher vista como inteligente e civilizada. Embora fossem assuntos destinados a camadas sociais específicas, de modo algum o impresso ficou alheio ao contexto que o cercava, inclusive, não ficou alheio ao cenário escravista.

Em relação à moda, as redatoras do *Jornal das Senhoras* publicaram diversos números que continham figurinos franceses que eram retirados do periódico *Moniteur de La Mode* (Paris; 1843-1913). Esses eram copiados e reapropriados ao clima, acessórios e tecidos presentes na corte imperial (BARBOSA, 2018 p.196). Era um conteúdo dispendioso que necessitava

de planejamento em estabelecer os trâmites dos acordos firmados em ambos os lados do Atlântico. Também era preciso esperar a chegada das encomendas de modo rápido, já que o jornal dependia delas para a publicação dos números. Mas todos esses riscos não assustavam as colaboradoras dos textos relacionados à moda (O JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.4), muito menos as redatoras que mantiveram esse padrão durante todo o período de circulação do impresso. O periódico justifica o esforço da seguinte forma:

[O figurino] Não é feito aqui no Rio de Janeiro, porque Deus não nos deu o *dom* especial de idear, combinar, executar modas com essa graça, originalidade e gosto delicado, que para elas tem os Parisienses, e ninguém mais.

Temos sim atualmente quem os possa copiar com perfeição (já não é tão pouco), mas a invenção é, e será sempre dos Franceses (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, n.5, p. 2).

Tal como apontava *O Jornal das Senhoras*, ao buscar o termo “Modista” na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional* é possível identificar, no ano da citação, mais de duas dezenas de anúncios de casas dedicadas à produção de vestimentas somente se analisarmos *O Correio Mercantil* e *O Jornal do Comércio* (Isadora COSTA, 2021). De fato não eram poucas as formas de copiar esses figurinos. Além disso, nesses anúncios podemos encontrar trechos que citavam os nomes dos donos dos estabelecimentos ou outras características, como a cor da pele, bons requisitos para a costura, ou venda de uma vestimenta específica. A cor de pele branca, boa índole e a nacionalidade francesa era o que mais era valorizado quando se destacava uma casa de moda feminina.

No entanto, vale destacar que, embora nos anúncios, prevalecessem a preferência por modistas brancas e francesas conviviam, nesse mesmo mundo da modernização das condutas de “bom tom”, “costureiras escravas”, como transparecem os anúncios abaixo.

Carolina Remy, costureira, recebeu ultimamente um sortimento de fazendas francesas, camisinhas [...], lenços de cambraia, vestidos e toucas de batizados, rendas pretas e brancas, filó preto, etc; na rua do Ourives n. 101. Também precisa-se de costureiras escravas (CORREIO MERCANTIL; 1852, n. 34, p. 4).

Uma senhora estrangeira, modista, faz vestidos do último gosto sobre figurinos. Aceita mais algumas negrinhas para ensiná-las a esse ofício. Precisa-se também

de preta para o serviço ordinário de casa, e não a quer de casa de comissão; na rua dos Latoeiros n. 48, sobrado (JORNAL DO COMÉRCIO, n. 241, p. 1).

E no *Jornal das Senhoras* não era diferente. O jornal adentrava ao meio cultural de seu tempo, suas contradições, tensões e omissões. Nesse sentido, a escravidão também estava presente. Durante os textos destinados a tratar da moda, é possível encontrar uma reclamação da colaboradora do periódico a respeito de um escravo barbeiro do vizinho que “atormentava a vizinhança que não partilhava de *seu bom gosto*”³ (O JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n. 21, p. 1). A colaboradora da seção moda não buscava fazer referência à escravidão, mas aos grandes bailes e a moda parisiense. Quando tratava de cativos, negros ou libertos demonstrava que seus gostos eram o inverso do “bom tom”, distinguindo, certamente, aqueles que compartilhavam dos mesmos códigos e representações sociais que ela e aqueles que ela não se identificava.

Ao lado da moda, que seguia os figurinos franceses como modelos de inspiração, os textos literários também tiveram papel de destaque no *Jornal das Senhoras* e nas produções femininas de seu tempo. Como evidenciavam títulos e subtítulos da imprensa destinada às mulheres leitoras da época, faziam sucesso as histórias de amor, os textos leves e as poesias de cunho romântico.

Por isso, quem assinava o *Jornal das Senhoras* podia ter acesso a traduções e textos originais além das poesias que corriqueiramente eram publicadas em cada edição do periódico. Havia relatos de viagens, artigos acerca da educação, poesias e romances folhetins feitos por homens e por mulheres. Todos esses eram publicados, muitas vezes, sob completo anonimato ou com pseudônimos, o que, certamente, dificulta a identificação de autoria. Porém, podemos supor que todas essas pessoas faziam parte de uma elite letrada e, possivelmente, eram pessoas brancas ou compreendidas com tal status dentro das hierarquias da segunda metade do século XIX. Afinal, a historiografia destaca que a chamada imprensa negra teve sua primeira aparição em 1833, com *O Homem de Cor ou O Mulato*, publicado pela Tipografia Fluminense de Paula Brito, num período de radicalismo político (Ana Flávia Magalhães PINTO, 2006). A incidência dessa imprensa negra acompanhou os movimentos políticos e não teve grande incidência nessa década de calmaria política de 1850. Além disso, uma autoria feminina negra só foi possível no final da década de 1850, quando foi lançado o romance *Úrsula*, por

.....
3. Destaque da própria fonte.

Maria Firmino dos Reis. Úrsula, inclusive, foi uma exceção às publicações da época, pois foi “o primeiro romance abolicionista e antirracista, ao realizar uma forte crítica à escravidão e retratar personagens negras sem recorrer a estereótipos” (ANDRADE, 2018, p. 87).

Nas revistas e jornais voltados para as mulheres de elite de meados do século XIX, principalmente dentro da corte imperial, o teatro também era comumente apontado como de interesse das leitoras. As resenhas teatrais faziam parte dos títulos da imprensa brasileira, sejam nos impressos voltados para as mulheres letradas da época, sejam aqueles voltados para público em geral.

Nas páginas do *Jornal das Senhoras*, os diferentes teatros da corte não foram silenciados, mas exaltados em páginas que não apenas exibiam a presença de determinado evento, mas, de fato, tinha o objetivo de encorajar seu desenvolvimento, já que o teatro brasileiro ainda estava “por levantar seus alicerces”, na visão do próprio periódico (*O JORNAL DAS SENHORAS*; 1852, n. 4, p. 10).

Mas, assim como a moda, esses mesmos teatros conviviam com as diferentes camadas sociais que não necessariamente faziam parte da boa sociedade: quituteiras (libertas, forras, cativas ou de ganho) ocupavam as ruas ao redor dos teatros e meninos escravizados, possivelmente, continuavam a entregar recados aos casais românticos em meio a uma cena ou outra do espetáculo, como descreveu a narrativa de Joaquim Manuel de Macedo em *A Moreninha* (1844) (Andrea MARZANO, 2008).

Todas essas situações não passavam despercebidas aos olhos das colaboradoras (as) e redatoras do *Jornal das Senhoras*. Nele, seus entusiastas colocavam a público gostos, condutas, representações e hierarquias que deveriam ser aprendidas e partilhadas por suas leitoras. Por exemplo, o periódico aconselhava as senhoras qual música era apropriada nas diferentes ocasiões, hora e lugar.

Eu, porém (e comigo muita gente) sou o resumo de todas essas inclinações ou gostos, porque gosto de tudo que é bem cantado, segundo é a hora a ocasião e o lugar. Ora está claro que nos teatros quero ouvir os coros, as arias, os duetos italianos, mas nas salas de intimidade, prefiro as nossas Modinhas, entoadas por uma voz angélica, expressiva no verso, e engraçada ou sentimental na execução. E se ela canta depois um lundu! [...]

Nenhum heresiarca musical poderá contestar os efeitos diversos, mas agradáveis, que produzem as nossas Modinhas e Lundus (*O JORNAL DAS SENHORAS*, 1852, n. 13, p. 2-3).

Ao olhar a literatura da época, percebemos que o lundu e a modinha poderiam adentrar o cotidiano das camadas mais baixas da sociedade, como o batizado do filho de um barbeiro, como assim se sucedia na escrita de *Manuel Antônio de Almeida* em *Memórias de um Sargento de Milícia* (1852-1853). Tal dado nos leva a compreender que o *Jornal das Senhoras*, embora defendesse condutas ditas de corte, civilizada e do bom tom, não deixavam de matizar gostos e condutas que extrapolavam esse meio social. Isso é, o periódico demarcava hierarquias, mas não estava alheio ao contexto que o cercava.

Cabe ainda ressaltar que o subtítulo *Belas Artes* também abrigava a descrição de eventos públicos e privados da corte. Isso é, era mais uma temática que consagrava o teatro e os eventos de grande vulto da corte do Rio de Janeiro como locais de destaque do jornal. Tal prerrogativa evidenciava que o que acontecia de novo na cidade produtora do periódico *O Jornal das Senhoras* era considerado de grande importância para os colaboradores e redatoras que publicavam seus textos nesse impresso. Porém, é preciso questionar como essas colaboradoras e escritoras conseguiam tais informações, sendo mulheres brancas, letradas, casadas e de elite. Afinal, essas mulheres redatoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras*, dentro das hierarquias e distinções do *Segundo Reinado* apresentavam a restrição de não andarem sozinhas em público (FERREIRA, 2005; KARASCH; 2000).

Porém, vale destacar que não eram todas as mulheres que sofriam essa restrição. Como bem lembra autoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luiza Bairros, entre outras, desde “o século XIX, mulheres negras imprimem outra lógica aos padrões de comportamento [...] as mulheres negras já eram trabalhadoras, frequentavam as ruas sozinhas e não se enquadravam de modo algum à compreensão da mulher como frágil, submissa e recatada” (ANDRADE, 2018, p.83). Então voltamos à questão: Como as mulheres letradas, brancas e casadas do *Jornal das Senhoras* conseguiam informações dos cotidianos das ruas, sendo mulheres brancas, casadas e de elite?

Santos: Um Cativo Mensageiro

Os artigos do *Jornal das Senhoras* demonstravam preocupação com o que acontecia no interior e nos arredores, não somente do teatro, mas de diversos eventos que se passavam na corte do Rio de Janeiro. O corpo dirigente do *Jornal das Senhoras* buscava atualizar e levar às mulheres letradas novos hábitos e informação, sobretudo, porque essas mulheres ainda apresentavam,

dentro das hierarquias do Segundo Reinado, “pouca liberdade de saírem sozinhas” (FERREIRA; 2005, p.7).

Por tal razão, as redatoras Joana, Violante, Gervasia e as demais colaboradoras desse impresso souberam apreciar todas as informações que saltavam aos seus solhos e ouvidos nos momentos que assistiam a uma peça de teatro, a um evento musical, frequentavam os diferentes bailes da corte do Rio de Janeiro, ou apreciava o comércio da Rua do Ouvidor. Sempre, acompanhadas de algum homem da família (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, n. 3).

Essas mulheres estavam atentas ao que acontecia em seu entorno, mas também utilizavam de informações fornecidas por colaboradores e redes de amizade. Amizades nutridas por seus familiares, conhecidos e até pessoas de camadas sociais distintas das delas, como é o caso do guarda portão referenciado como “Santos”, que passou, segundo o jornal, a ser um dos informantes da colaboradora que escrevia os textos publicados sob o título “Crônica da Semana”, como a mesma explica a sua redatora:

[...] depois que vos levou os meus primeiros originais e o recado que voz mandei, dizendo-vos que não podia continuar a escrever a semana por não ter quem para esse fim me oferecesse certos dados, que nós mulheres não podemos estar com essas cousas; voltou no dia seguinte pela manhã à minha sala, e [...] disse-me o seguinte:

- Minha ama saberá que toda a noite não pude pregar o olho! Tenho levado a malucar até agora n’aquele recado que mandou à Sra. Noronha... [...]

- [...] o que me fez martelar a cabeça toda a noite, foi a Sra... com licença da Sra, foi a Sra. Mandar dizer no fim – nós mulheres não podemos estar com estas cousas. Eis ai está.

- Mas o que tem isso para te causar essa atrapalhação toda?

- O que tem? Tem cá para vosso velho criado [...] uns riscos de afronta, assim como diz: tenho um criado que me podia servir, mas não me serve porque não presta, é estúpido! [...]

- Está bem, Santos, não te aflijas por isso; Eu vou dar-te provas do contrário. De hoje em diante deves passear por essas ruas da cidade quando e como quiseres; para conversa, escuta, dá fé de tudo, mas, que ninguém te suspeite, sentido Santos! Depois volta quando entenderes que assim o deves fazer, e dá-me conta do que vistes e ouvistes durante o dia [...] (O JORNAL DAS SENHORAS; 1852, p. 9).

É possível que toda a situação fosse mera invenção da colaboradora, já que a mesma tinha dificuldade em continuar a escrever o artigo por falta de dados. No entanto, pela quantidade de vezes que continuou a tratar do cativo Santos e de suas informações fornecidas, podemos dizer que é possível que ele existisse. Mesmo porque, de alguma forma, a colaboradora passou a ser informada e colocar a público tudo o que se podia ver e ouvir no interior dos eventos e nos seus entornos, nas diferentes ruas e camadas sociais que conviviam e interagiam nas ruas do Rio de Janeiro.

Santos era lembrado pela colaboradora como um servo fiel e respeitoso, um pouco tímido, de idade, que fumava caixas e mais caixas de tabaco, falava olhando para baixo de modo pausado. Sentava-se num banquinho em frente ao portão de sua ama e mantinha um lenço xadrez no bolso. Ele conhecia a colaboradora desde pequena e se sentia bem em ser útil nos serviços prestados, segundo a narrativa do jornal.

Nesse sentido, vale destacar que se trata de uma narrativa feita por mulheres brancas, que buscavam ser civilizadas, intervir na imprensa e ter a liberdade de fazer fluir o poder de suas penas, questões ainda muito incipientes para essas mulheres. Ao mesmo tempo, tratava-se de um período em que a escravidão era naturalizada por muitos, fazia parte do cotidiano da cidade. Logo, a relação entre a colaboradora do *Jornal das Senhoras* e o cativo Santos era marcada por hierarquias e controles às liberdades almejadas por cada um desses sujeitos sociais.

Continuando a leitura do *Jornal das Senhoras*, percebemos que Santos também era caracterizado como um homem curioso, mas discreto. E, por ser homem, poderia adentrar a lugares e colher informações que sua senhora não poderia ter acesso, simplesmente, por ser mulher, letrada, casada e de elite. Afinal, “na visão das elites, a mulher que trabalhava nas ruas [...] ‘não era uma mulher decente’” e isso se estendeu no imaginário social de boa parte do século XIX brasileiro (KARASCH; 2000, p. 118), com heranças quase que até os dias de hoje, dependendo da região do Brasil.

A colaboradora do *Jornal das Senhoras* narrava a importância de Santos para o conteúdo do jornal, demonstrando consciência dos limites que a sociedade do *Segundo Reinado* a colocava. Ao mesmo tempo, demonstrando esperteza em fazer de seu guarda-portão um mensageiro dos assuntos que preencheriam a seção que a mesma escrevia. Pois, dessa forma, ela poderia continuar escrevendo e sendo informada de diferentes assuntos que se sucedia na corte do Rio de

Janeiro, sem sair de casa, sem ficar até tarde na rua, sem se ausentar, possivelmente, de seu lar, de seus filhos e maridos.

Assim, em meio à obediência do cativo, à superioridade da colaboradora, mas também, de certa lealdade e até admiração, a relação entre Santos e o *Jornal das Senhoras* se estreitava, pelo menos, no discurso do jornal. Como se percebe abaixo:

- Vai Santos; cuidado que ninguém te pilhe. Sempre entendi que o Santos era capaz de muito, conheço-lhe as predisposições e o jeito que tem para ajeitar-se e entremeter-se em tudo, mas não lhe dava tanta habilidade! Tanta finura! [...]

Tem desencovado mortos, e enterrado vivos; de mil coisas está ao fato; até já me fala em negócios políticos, em subida e descida de câmbios, compra de apólices, etc (O JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.16, p. 9).

Santos atualizava sua ama sobre tudo o que observava nos eventos públicos da cidade, como procissões, festas da igreja e até o que havia de mais íntimo em um testamento de um conhecido. Também entregava cartas a sua ama e as despachava. Ainda dizia ditados populares que a colaboradora publicava em sua coluna no *Jornal das Senhoras* (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.22).

Santo também levava informações sobre o que acontecia de mais novo no próprio cotidiano dos negros das ruas e das principais notícias veiculadas. Segundo a colaboradora, quando Santos trazia informações colhidas nesses burburinhos das ruelas do Rio de Janeiro, o cativo chegava a lhe contar sobre política, câmbio das moedas ou mesmo de cálculos estimados sobre a quantidade de habitantes de uma determinada cidade (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.16).

Se esses assuntos eram tratados pelo cativo ou especulados pela própria colaboradora, talvez seja uma questão sem respostas. Mas podemos afirmar a perspicácia da colaboradora em saber alinhar seu discurso à sociedade a qual se colocava. Pois, conhecer política, economia matemática ou correr o risco de errar um cálculo matemático não era uma postura bem-vista para uma senhora, sendo muito oportuno afirmar ser o cativo Santos quem introduzia esses assuntos.

O cativo mensageiro também relatava conversas e cenas que ouvia e observava nas ruas e locais por onde passava, dava dicas de qual era a forma mais rápida de se chegar a uma rua do centro da cidade, as horas que elas ficavam mais vazias e outros temas. Assuntos que, para Santos,

aparentemente, era um conhecimento comum e cotidiano, mas para uma senhora, podia ser uma novidade, justamente, devido às restrições de não poderem sair sozinhas em público sempre que assim almejassem.

Santos também falava o que acontecia no interior dos locais que passava, não apenas em seu entorno, como é o caso das igrejas. Segundo o jornal, o cativo narrava o fato das “jovens namoradeiras” procurarem sentar nos bancos que estavam longe do centro das naves das igrejas, para assim, não serem vistas flertando (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.20, p. 3-4).

O guarda-portão e, agora, possível mensageiro do *Jornal das Senhoras*, relatava (ou transparecia relatar) todas as informações que uma senhora, considerada de respeito, apresentava dificuldade de ter acesso, seja porque não tinha conhecimento para se aprofundar no assunto, seja porque não era do bom tom de sua camada social e gênero. Saber da vida alheia, fazer cálculos de matemática, falar de política e economia ou mesmo conhecer de alguma fórmula científica de um produto químico pareciam questões vistas com certo receio pela colaboradora, ainda que a mesma tivesse interesse em saber mais sobre:

- Santos! Oh Santos!
- Aqui estou, minha ama.
- Vai saber, assim como quem não que coisa, que tal é essa preparação medicinal alcinhada – *Tricopherous*, que faz os cabelos pretos, luzidios e flexíveis. Quero inculcá-la a algumas pessoas de minha amizade, para livra-las de uma outra composição infernal que lhes põe o cabelo em miserável estado... (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.17, p. 9)

Outra tarefa desse mensageiro era levar todas as correspondências – ou “cadernetas”, como o próprio Santos as chamavam (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.25,10) – à casa da redatora Joana Paula Manso de Noronha, que como impresso no próprio jornal, se localizava no Beco dos Cotovelos n.18 (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, n. 1, 8):

- Santos!
- Minha ama!
- Vai levar esta papelada toda a mui digna Redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*, e dize-lhe que o dito, dito: pedra em cima, se lhe não agradar (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.16, p. 10)

De modo descontraído, a colaboradora, que não assinava com seu nome, mas utilizava o pseudônimo de *Bellona*⁴, narrava a aparição de Santos em diferentes momentos de sua coluna periodista. Prerrogativa que, aparentemente, agradava a redatora, já que as “Crônicas da Semana” continuaram a ser publicadas em todo o período que Joana Paula Manso de Noronha esteve na redação desse impresso.

Esse dado nos leva a supor que a própria colaboradora, *Bellona*, pudesse ser a redatora, já que a redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*, Joana Paula Manso de Noronha, era argentina. Então, possivelmente, poderia precisar que alguém conhecesse os locais do Rio de Janeiro com agilidade e experiência, adentrasse espaços que a mesma iria ter dificuldades de ter acesso tanto por ser mulher, quanto por ser casada, da boa sociedade e estrangeira. Um indício dessa suposição também pode ser visto quando a colaboradora da seção “Crônicas da Semana” mostra conhecimento e interesse em escritos específicos de Montevideu – atual Uruguai – terra onde morou Joana Paula Manso de Noronha, durante seu exílio, como se observa abaixo, nas ordens dadas a Santos:

Olha; e pergunta aos Srs. Mercês e C^a, na praça da Constituição n. 19, se aqueles lindos versos do Sr. Joanicó, feitos em Montevideo e postos em música pelo Sr. Ribas, já estão a venda, que me mande um exemplar; desejo apreciar as melodias deste artista, e o pensamento do poeta [...] (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.17, p. 9)

Nas páginas do *Jornal das Senhoras*, quando a própria Joana Paulo Manso de Noronha responde a colaboradora *Bellona* acerca de seus escritos, a mesma mostra está gostando das informações levadas por Santos e escritas por *Bellona*. O que também contribui para compreendermos que Joana e *Bellona* poderiam ser as mesmas pessoas, já que nutriam uma mesma opinião sobre Santos e, quando Joana referia-se a ele, narrava de forma semelhante a *Bellona*, numa espécie de diálogo, como se observa abaixo:

Agradeço-vos também que fosse o Santos o portador; diverti-me muito com a sua conversa. O tal songamonga, tomou o freio nos dentes e nada lhe escapa...

.....

4. Não se sabe se existe uma relação entre esse pseudônimo e o nome dado ao primeiro periódico escrito por mulheres no Brasil, o *Belona Irada Contra os Sectários de Momo*, publicado entre 1833 e 1834, editado em Porto Alegre, com circulação local, sob a redação de Maria Josefa Pereira Pinto e partidário da corrente “caramuru”, em voga no período (MUZART, 2003).

O bom do homem ainda não cabe em si, da admiração que lhe causa o seu novo emprego...!

[...]

- Então senhor *Santos*, como vai?

- Vamos remando minha senhora; muito obrigado!

- Eu já sei que o senhor está um espião verdadeiro, que nem a polícia o poderia desejar melhor...

[...]

- Qual, minha senhora; é verdade que eu ando por aí, por esse mundo, abrindo os olhos e os ouvidos de três palmos, para dar o gosto a minha querida ama, e não sei... sim, quero dizer, se terei sido útil.

- Deve-o ser. Um homem como o senhor e, que ninguém suspeita, perdido entre a multidão, ouvindo este, espreitando aquele...

- Minha ama só quer saber das novidades do dia, mas isto de espreitar vai sem querer; eu no princípio não me importava, mas agora, divirto-me alguma coisita a faltar. (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.20, p. 3-4)

A redatora Joana Paula Manso de Noronha admirava a perspicácia de Santos, um cativo, de idade, aparentemente gentil, curioso e pronto a ajudar em tarefas que as senhoras não podiam, na compreensão de época, assim efetuar com total liberdade. A questão de gênero mostra-se ainda mais nítida quando, nesse mesmo número, Joana narra que queria que Santos contasse como era observar um dia inteiro nas ruas do Rio de Janeiro e o mesmo fica reticente, temendo que suas ideias fossem publicadas assim como foram aquelas fornecidas pelo “primo” de Joana (JORNAL DAS SENHORAS; 1852, n.20). Isso é, tanto o primo de Joana Manso de Noronha, quanto Santos, possivelmente, por serem homens, forneciam informações que uma mulher letrada e abastada teria dificuldade de colher e ter acesso. Porém, cabe aqui ressaltar que, certamente, as informações colhidas e os locais trafegados por Santos e o primo de Manso de Noronha não eram os mesmos. Nas hierarquias dessa sociedade Imperial um escravo não teria, em hipótese alguma, as mesmas liberdades de ir e vir de um homem branco e livre. Afinal, como nos lembra Sueli Carneiro:

[...] a “variável” racial produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade feminina estigmatizada (das mulheres negras), como a masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do

gênero feminino do grupo racialmente dominante (das mulheres brancas).
(Sueli CANEIRO, 2003, p.119)

Se *Bellona* era a própria redatora ou não, talvez seja um algo sobre o qual nunca tenhamos certeza, uma vez que o pseudônimo é utilizado em todas as publicações da “A Crônica da Semana”. Porém, podemos afirmar que tanto quem escrevia a seção quanto a própria redatora do jornal compreendia que os homens tinham certas liberdades que as mesmas não dispunham.

Cabe aqui ressaltar que a liberdade de trafegar pelo ambiente público, questão, de certa forma, almejada pelas colaboradoras do *Jornal das Senhoras* mostrava-se, certamente, diferente da liberdade almejada por um negro cativo da época. Um escravo pudesse atuar nas ruas do Rio de Janeiro, vendendo e negociando produtos, trabalhando como pescadores, carregadores, supervisores, capatazes, feitores e hortelões. Ou ainda, poderiam ser caseiros, trabalhadores agrícolas, jardineiros, caçadores, balseiros, estivadores, tigres⁵, marinheiros, remadores, operários de máquinas, tecelões, lampiões, artesões ou em algumas atividades informais de subsistência, como o ganho (KARASCH, 2000), em seu cotidiano, o Rio de Janeiro também “era uma cidade de fronteiras, de limitações à liberdade” (KARASCH; 2000, p. 99). Isso não somente devido aos morros e terrenos alagadiços que dificultavam as possíveis fugas, mas também, devido às próprias hierarquias sociais que a cidade comportava (KARASCH; 2000, p. 140-142).

De acordo com os estudos de Mary Karasch, um escravo poderia ter um status mais elevado ou não de acordo com o perfil de seus donos, suas posses e gênero. As hierarquias perpassavam diferentes camadas sociais e geravam diferentes formas de distinção e discriminação. Escravos de senhores afortunados, por exemplo, eram mais respeitáveis na hierarquia social do período, que aqueles de senhoras com dinheiro, porém, solteiras. Mas se a senhora fosse de posses e casada seus escravos também poderiam desfrutar de certa representação social elevada. No entanto, escravos de donas pobres, que trabalhavam nas ruas, não casadas e com filhos ilegítimos não apresentavam poder nas representações sociais da época, pois sua dona não era considerada “uma mulher decente”, na perspectiva das elites (KARASCH, 2000, p. 117-118).

.....

5. Aqueles que “levavam tubos ou barris de excremento e lixo sobre a cabeça pelas ruas do Rio.”
(KARASCH; 2000,266)

A partir disso, percebemos que Santos, cativo, de modo algum tinha o mesmo prestígio de um homem branco e livre. Porém, Santos desfrutava de certos status por ser homem, mas também, por ser o cativo de uma senhora, isso é, uma mulher casada no compreender da época, que apresentava posses que a fazia desfrutar de bailes e eventos de elites que eram descritos no próprio *Jornal das Senhoras*. De fato, a liberdade, possivelmente, desejada por Santos e aquela desejada por sua senhora eram demasiadamente distintas, mas interações e intersecções entre elas existiam e não passaram despercebidas pela colaboradora do *Jornal das Senhoras* e a possível boa vontade de Santos em ajudar sua ama. A colaboradora que assinava com o pseudônimo de *Bellona* soube utilizar de sua posição hierárquica para administrar uma função mais oportuna para Santos. Ela soube utilizar de um hábito comum à época, das senhoras determinarem as posições sociais dos escravos domésticos (KARASCH, 2000, p. 118), para que, com isso, extraísse informações dos burburinhos das ruas e dos diferentes eventos públicos da corte do Rio de Janeiro. Santos, por sua vez, embora não tivesse sua própria liberdade, fosse um cativo, utilizava-se de estratégias que se relacionavam a obediência e prontidão para conseguir reconhecimento, utilidade social e, quem sabe, o poder de trafegar pelas ruas do Rio de Janeiro, colocando em prática seu gosto pela curiosidade dos acontecimentos cotidianos, desejo que, talvez, o banquinho do portão de sua ama não o possibilitasse.

Considerações finais

O possível criado Santos foi referenciado no interior do *Jornal das Senhoras* em pelo menos dez números. O que pode suscitar que, posteriormente, novas estratégias foram tomadas para que essas mulheres letradas, casadas, abastadas se mantivessem informadas acerca do cotidiano de uma cidade que apresentava locais que, nem sempre, uma mulher de elite poderia frequentar. Ou, simplesmente, à medida que se publicava as edições do jornal essas mulheres resolveram não revelar seus informantes, cativos mensageiros que, possivelmente, auxiliavam na montagem da escrita periodista feminina. Enfim, seja como for, a importância de Santos no conteúdo da folhinha deve-se não somente por colaborar com informações para o jornal, mas por demonstrar que essas mulheres tinham consciência dos limites que poderiam adentrar em sociedade e aqueles que ansiavam quebrar. Limites que, em alguma medida, já tinham sido quebrados por mulheres

negras e indígenas que já adentravam o mundo do trabalho exercendo diferentes funções nas ruas do Rio de Janeiro. Enfim, trata-se de uma busca por liberdade que, certamente, não se assemelhava aquela desejada por mulheres negras e indígenas e muito menos aquela desejada por Santos, mas, de alguma forma, todas essas buscas por liberdade apresentaram tensões, interações e intersecções que foram protagonizadas nas páginas do *Jornal das Senhoras*.

Bibliografia

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícia*, Rio de Janeiro, 1852-1853. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/milicias.pdf. Acessado em: 06/03/2020.

ANDRADE, Michely Peres de. Lélia Gonzalez e o papel da educação para o feminismo negro brasileiro. *Interritórios. Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco*, Caruaru, Brasil, V.4, n. 6, 2018.

BARBOSA; Everton Vieira. Em busca de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855). In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs). *Imprensa, livros e política no oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17, n. 49, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGG Dj586JD7nr6k/?lang=pt>. Acesso em 2 out. 2021.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e Representações* 2ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989, p. 538–55

COSTA, Isadora de Mélo. *Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro; 1852-1855) e A Esperança (Porto; 1865-1866)*. Dissertação (Mestrado em História Política). Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. *As leitoras no rio de janeiro do século XIX: a difusão da leitura*. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005, p. 5. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31141>. Acessado em: 26/02/2020

HOLANDA; Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição, 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOBO, Luiza. “Juana Manso: uma Exilada em três Pátrias”. In: *Revista Gênero: Niterói*, v. 9, n. 2, 1. sem, 2009.

KARASCH, Mary. *A vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARZANO, Andrea. *Cidade em Cena – O Ator Vasques, O Teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha seca: FAPERJ, 2008, p. 64-65.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista de Estudos Feministas*, v.11, n.1, jan./jun. 2003, p.225-233.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899). Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História. Brasília, Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas Departamento de História Programa de Pós-Graduação, 2006.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Casse*. São Paulo: Boitempo, 2016.

Fontes:

Correio Mercantil, Rio de Janeiro; 1848-1868.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro; 1850-1859.

O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, 1852-1855.

Recebido em 23 de julho de 2021.
Aprovado em 3 de setembro de 2021.